

O ressoar da revelação no silêncio de Deus.

Apontamentos para o painel no Simpósio Filosófico-Teológico

Celso Murilo Sousa Reis*

Resumo: Este contributo tem por objetivo refletir sobre o silêncio de Deus como parte integrante do processo de comunicação (revelação) de seus desígnios aos seus interlocutores humanos. Nesta perspectiva, à guisa de ilustração e em breves acenos, são apresentados três lugares teológicos da escuta de Deus, a saber: a experiência mística, o clamor dos pobres e a realidade do sofrimento humano. Para cada um deles, é evocado um ícone bíblico paradigmático. Como a reflexão é apenas seminal, a alusão a esses textos da Escritura torna-se convite é aprofundar a riqueza do tema aqui apenas esboçado.

Palavras-chave: Silêncio. Palavra. Comunicação. Escuta. Diálogo. Linguagem.

Riassunto: Questo contributo mira a riflettere sul silenzio di Dio come parte integrante del processo di comunicazione (rivelazione) dei suoi disegni ai suoi interlocutori umani. In questa prospettiva, a titolo illustrativo e in brevi cenni, vengono presentati tre luoghi teologici di ascolto di Dio, ovvero: l'esperienza mistica, il grido dei poveri e la realtà della sofferenza umana. Per ognuno di loro viene evocata un'icona biblica paradigmatica. Poiché la riflessione è solo seminale, l'allusione a questi testi della Scrittura diventa un invito ad approfondire la ricchezza del tema appena delineato.

Parole chiavi: Silenzio. Parola. Comunicazione. Ascolto. Dialogo. Linguaggio.

Vivemos a época da crise da palavra, a qual se encontra desgastada, inflacionada, por assim dizer, prostituída. Na cultura atual, a palavra tornou-se instrumento de sedução, de dominação, até mesmo de violência. Basta lembrar a difusão das *fake news*, as posturas de ódio e indiferença nas redes sociais. Tem razão o teólogo Henri Nouwen quando afirma que “a principal função da palavra, a comunicação, já não é percebida. A palavra já não comunica, já não incentiva a comunhão, já não cria comunidade e, portanto, já não dá vida” (NOUWEN, 2004, p. 42). Segundo ele, isso se deve ao fato de a cultura contemporânea ter esquecido a dimensão do silêncio como parte integrante da comunicação. “O silêncio é a morada da palavra e a ela dá força e fecundidade. Podemos até dizer que as palavras têm o objetivo de revelar o mistério do silêncio do qual elas se originam” (NOUWEN, 2004, p. 45). “A palavra com poder vem do silêncio. A palavra que dá fruto surge do silêncio e a ele retorna” (NOUWEN, 2004, p. 50). “Silêncio não é

* Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico (Roma). Professor de Teologia Bíblica no Instituto de Teologia do Seminário São José (Mariana- Minas Gerais).

a simples ausência de palavra. É a palavra em sua interioridade e plenitude” (JOSAPHAT, 2004, p. 293).

Convém lembrar, parafraseando a teóloga Cristina Kaufmann, que o silêncio é parte integrante de uma realidade mais ampla: a linguagem, a comunicação. O silêncio sem a palavra não é nada. O silêncio sempre tem em si algo da palavra, gera-a, conduz-a, leva-a à sua meta, possibilita-a e lhe dá seu conteúdo. O Deus cristão revela-se como o Deus que fala, que se comunica, tanto no interior do mistério trinitário (diálogo intratrinitário), como para fora de si mesmo, sobretudo na criação e na encarnação do Verbo. Conhecemos algo do silêncio de Deus graças à sua Palavra, revelada ao longo de todo o desdobramento do plano da primeira aliança e plenamente apresentada em Jesus Cristo (KAUFMANN, 1994, p. 1035-1036).

O silêncio constitui parte essencial da linguagem de Deus. Deus educa o homem por meio da palavra e do silêncio porque assim revela ao seu interlocutor o próprio mistério do ser humano: também o ser humano é linguagem, é relação, é mistério de solidão e de comunhão. Solidão e silêncio, comunicação e palavra são experiências que expressam, no paradoxo e no mútuo entrelaçamento, o mais profundo da realidade humana (KAUFMANN, 1994, p. 1036). Do ponto de vista antropológico, silêncio e solidão são o útero materno de onde deve brotar toda palavra, toda relação, a fim de que a comunicação não se converta em aborto, em ruído e em movimento sem sentido, algo morto antes mesmo de nascer (KAUFMANN, 1994, p. 1037). “Hoje o ruído enxota o silêncio e assim mata ou rechaça a palavra” (JOSAPHAT, 2004, p. 294). “O silêncio é a matriz de toda palavra autêntica. Do silêncio primordial surgiu o logos, escreveu Santo Irineu. O silêncio é a encruzilhada entre o tempo e a eternidade” (PANIKKAR, 2007, p. 48).

Na Exortação Apostólica “Verbum Domini”, Bento XVI afirma que “na dinâmica da revelação cristã, o silêncio aparece como uma expressão importante da Palavra de Deus” (§ 21). E argumenta:

Como mostra a cruz de Cristo, Deus fala também por meio do seu silêncio. O silêncio de Deus, a experiência da distância do Onipotente e Pai é etapa decisiva no caminho terreno do Filho de Deus, Palavra encarnada. [...] Esta experiência de Jesus é sintomática da situação do homem que, depois de ter escutado e reconhecido a Palavra de Deus, deve confrontar-se também com o seu silêncio. É uma experiência vivida por muitos Santos e místicos, e que ainda hoje faz parte do caminho de muitos fiéis. O silêncio de Deus prolonga as suas palavras anteriores. Nestes momentos obscuros, Ele fala no mistério do seu silêncio”. (BENTO XVI: 2010).

Em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais em 2012, Bento XVI desenvolveu breve e estimulante reflexão sobre a relação entre silêncio e palavra no processo da comunicação humana, apresentando-os como dois momentos “que se devem equilibrar, alternar e integrar entre si para se obter um diálogo autêntico e uma união profunda entre as pessoas” (BENTO XVI, 2012). Lembrava que sem o silêncio não há palavras densas de conteúdo e sublinhava que no mundo das informações abundantes “torna-se essencial o silêncio para discernir o que é importante daquilo que é inútil ou acessório” (BENTO XVI, 2012). Ponderava, ainda, ser “necessário criar um ambiente propício, quase uma espécie de ‘ecossistema’ capaz de equilibrar silêncio, palavra, imagens e sons” (BENTO XVI, 2012). Destacava também que “educar-se em comunicação quer dizer aprender a escutar, a contemplar, para além de falar; e isto é particularmente importante para os agentes da evangelização” (BENTO XVI, 2012). A proposta de Bento XVI nos desafia e desinstala, mostrando que o cristão só pode ser comunicador na era digital quando faz a experiência do silêncio e da palavra, a qual garante que sua mensagem seja sempre novidade e não mera repetição, testemunho e não apenas informação. Não faltou naquela oportuna mensagem a consideração do valor do silêncio como caminho de mistagogia: “se Deus fala ao homem mesmo no silêncio, também o homem descobre no silêncio a possibilidade de falar com Deus e de Deus. Temos necessidade daquele silêncio que se torna contemplação, que nos faz entrar no silêncio de Deus e assim chegar ao ponto onde nasce a Palavra, a Palavra redentora” (BENTO XVI, 2012).

O que o silêncio de Deus tem a nos ensinar? Como escutar a voz desse silêncio? Gostaria de provocar a reflexão sobre este tema tão instigante e atual abordando ao menos três lugares privilegiados da escuta do silêncio de Deus, que devemos ter bem presentes no estudo da teologia: a experiência da contemplação, o clamor do pobre e a realidade do sofrimento humano.

Escutar o silêncio de Deus na experiência mística, na busca espiritual

Podemos tomar como ícone bíblico a experiência de Elias em 1Rs 19. Fugindo da perseguição de Acab e Jezabel, atravessando o deserto, o profeta chega ao Horeb, o monte

de Deus. A palavra do Senhor o interpela: “Que fazes aqui, Elias?” O profeta deve permanecer na montanha diante do Senhor e aguardar a manifestação divina, mas esta acontece de modo inteiramente novo e surpreendente. O Senhor não se faz presente nos sinais convencionais das grandes teofanias: furacão, terremoto, fogo. Mas se revela a Elias “no som de um silêncio suave” (no hebraico: ‘*qol demamah daqah*’). Esse murmúrio suave ou silêncio absoluto

sugere que as ações de Deus nem sempre são óbvias, mas muitas vezes devemos perceber a presença de Deus na lenta caminhada da história. [...]. Iahweh é um Deus que não pode ser controlado. Deus é sempre surpreendente. Elias, o grande profeta de Deus e homem de Deus, também não pode controlar Deus. Elias deve discernir a presença de Deus e a ação divina em meio ao silêncio. [...] Elias descobre que Deus está presente mesmo quando os sinais tradicionais que anunciam a presença de Deus não são evidentes” (CHALMERS, 2009, p. 140). “Pelo dom da fé podemos conhecer algo sobre Deus, mas Deus sempre vai além dos nossos conceitos humanos. O caminho da contemplação leva a uma completa transformação da pessoa humana. [...] A experiência de Deus nos ajuda a compreender conceitos intelectuais de uma maneira nova” (CHALMERS, 2009, p. 143).

O estudo da teologia não pode ficar enclausurado nos limites da razão, mas deve transbordar para o nível da contemplação. Pela reflexão teológica “aprendemos a aceitar que estamos sempre no começo da jornada espiritual e que Deus está sempre à nossa frente” (CHALMERS, 2009, p. 144). O profeta Elias recebeu uma nova missão depois de sua experiência com Deus na montanha. O olhar contemplativo e a escuta do silêncio de Deus na vivência do mistério nos habilitam a exercer a nossa missão de maneira mais madura e coerente.

“De Deus sabemos o que Ele não é” sem podermos pensar e dizer o que Ele é. A audaciosa e discreta teologia negativa ou apofática de santo Tomás, seu esforço de elaborar uma “gramática da transcendência” nos desafia a fazer do estudo da teologia a oportunidade de cultivar uma teologia “genuflexa”, na convicção de que o decisivo é a relação pessoal vivida com o mistério de Cristo. Nesta perspectiva, Panikkar (2007, p.129) propõe a distinção entre cristandade – dimensão sociológica e cultural da religião; cristianismo, que é a dimensão da doutrina – *fides quae*; e cristiania que é a forma cristã da experiência da dimensão religiosa do ser humano – *fides qua*. Pergunto aos estudantes de teologia: será que a sua teologia se contenta com o discurso sobre Deus ou ela se torna efetivamente cristiania, uma experiência concreta, existencial do mistério, uma síntese vital? Ainda o teólogo Panikkar (2007, p. 219) afirma ousadamente que “a única maneira de falar de Deus é o vocativo; o nominativo não existe e todos os demais casos são antropomorfismos

ou idolatria”. Certamente esta afirmação pode e deve ser questionada, ou até mesmo redimensionada. Mas é provocativa no sentido de nos levar a pensar na qualidade de nossa teologia. O acesso ao mistério não pode ser meramente gnosiológico. Precisamos tomar cuidado para não fazer um discurso teológico que manipula ou instrumentaliza o próprio Deus (parece-me que é esta a preocupação de Panikkar quando propõe a teologia feita no vocativo). A experiência do mistério é fundamental e quase sempre irreduzível a qualquer linguagem. “Antes de falar de Deus, ponha-se de joelhos e fale com Deus”. Assim propõe Clodovis Boff (1999, p. 77-96) no seu estimulante artigo “Conselhos a um jovem teólogo”, no qual resume a obra *Teoria do Método Teológico*.

Escutar o silêncio de Deus no clamor dos pobres

O ícone evangélico do bom samaritano (Lc 10,29-37) e o protocolo do julgamento final de Mt 25,31-46 são referências fundamentais para a reflexão teológica e a práxis eclesial, como o Papa Francisco vem insistindo em seu magistério. Jesus ensinou que a novidade primordial do Evangelho está no “fazer-se próximo” do mais sofredor. O samaritano aproximou-se, viu e moveu-se de compaixão (Lc 10,33). A Campanha da Fraternidade deste ano inspira-se nesta cena do evangelho para estimular a Igreja no Brasil a viver a Quaresma como tempo de conversão através da prática da esmola. Tenha-se presente que a etimologia da palavra esmola no grego é o verbo compadecer-se (colocar-se no lugar de quem sofre; assumir a dor do outro). Proximidade, olhar contemplativo (visão em profundidade da realidade) e capacidade de compaixão é o que Jesus espera de nós diante do clamor silencioso dos pobres e sofredores: “vai e também tu faze tu o mesmo”. Mt 25 nos ensina, na expressão poética de São João da Cruz, que “no entardecer da vida seremos julgados pela prática do amor”. “Cada vez que o fizestes (ou deixastes de fazer) a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (ou o deixastes de fazer) (Mt 25, 40.45).

À luz da Fé no Amor universal, o outro surge como o sacramento primordial, como o verdadeiro ‘Vigário de Deus’ na terra. É a mediação permanente e indispensável para o encontro direto e imediato com a Transcendência divina na contemplação que estabelece o ser humano na verdade da vida” (JOSAPHAT, 2004, p. 294).

Na fidelidade à revelação bíblica, a tradição teológica cristã vê nos pobres os “vigários” de Cristo, para receber nosso amor e nosso serviço. A experiência cristã (inclusive da teologia) não se esgota no falar com Deus ou sobre Deus. Na vivência do amor-serviço e na gratuidade da doação, nós cristãos somos interpelados a ‘falar de Deus’ pelo nosso testemunho que é palavra encarnada em gestos concretos de bem-fazer e de compaixão para com os pobres. A teologia tem dois movimentos fundamentais: o extasiar-se diante de Deus infinitamente amante e amável (o *thaumazo*: a admiração e o maravilhamento diante do mistério) e o debruçar-se diante do representante titular de Deus, que é o pobre, numa postura de proximidade e de compromisso afetivo e efetivo, reconhecendo nele a presença de Cristo, que quer ser amado, respeitado e servido (*splanchnízomai*). É oportuno lembrar, aqui, a estimulante reflexão do Papa Francisco no capítulo IV da *Evangelii Gaudium* “A dimensão social da evangelização” especialmente os §§ 197-201: O lugar privilegiado dos pobres no povo de Deus. Considero que deve ser um texto de referência para a nossa teologia.

Escutar a voz de Deus na experiência do sofrimento humano

“Os cristãos são vizinhos de Deus no sofrimento”. Assim escrevia o teólogo luterano Dietrich Bonhoeffer num poema na parede de sua cela na prisão de Tegel, em Berlim, antes de se tornar vítima da barbárie nazista, aos 39 anos de idade. Talvez a própria experiência do sofrimento purifique, também, a ideia de Deus. O ícone bíblico que aqui podemos evocar é a figura de Jó, o justo sofredor. A referida parábola sapiencial nos mostra que o sofrimento pode aproximar de Deus ou pode também afastar do divino. O sofrimento pode purificar-nos ou degradar-nos, fazer-nos maduros ou desesperar-nos (PANIKKAR, 2007, p. 180). O sofrimento é uma espécie de despertador existencial à dimensão de profundidade de nós mesmos e de toda a realidade. A desgraça nos aproxima de Deus e dos demais (...) porém nos pede uma operação alquímica de transformação para que o sofrimento nos abra ao Mistério e não nos submerja no desespero (PANIKKAR, 2007, p. 181). O sofrimento nos confronta com o irracional, com a maldade humana, com o mal, com a quebra de nossos esquemas e seguranças, nos descentra e desinstala, nos rouba toda autossuficiência, nos despoja de tudo e nos põe diante do doloroso, do

incompreensível, do que nos indigna e contra o qual, instintivamente, nos rebelamos (PANIKKAR, 2007, p. 182). Dissemos que o sofrimento pode ser um despertador para a transcendência e tornar-se assim um lugar para o encontro com Deus. Devemos completar esse pensamento dizendo que o sofrimento pode ser igualmente uma revelação da imanência humana, da limitação inerente à nossa condição ambígua e contraditória, do nosso estado de criaturalidade (PANIKKAR, 2007, p. 183). Também por esse viés da experiência do limite, da ambiguidade humana é possível escutar a voz de Deus e viver um autêntico encontro com Ele.

Não temos tempo para desenvolver aqui a reflexão, de modo mais consistente, mas quero apenas acenar para o fato de que o livro de Jó, diante do drama da dor humana, parece querer nos mostrar que só Deus é o teólogo absoluto, todos nós somos teólogos relativos, como diria Duns Scoto. No drama de Jó é desmascarado o discurso teológico dos porta-vozes da tradição (os chamados “amigos” de Jó) e o protagonista é valorizado pela sinceridade de sua busca de Deus em meio aos sofrimentos e contradições da vida e das reflexões. A grande solução do drama depende da teofania de Deus, que se manifesta em meio à tempestade e da experiência que Jó faz desse Deus sempre maior, que não cabe nas categorias tradicionais e diante do qual Jó exclama: “falei de coisas que não entendia, de maravilhas que me ultrapassam. Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te veem” (42,3b.5). Que o estudo da teologia nos leve a fazer o mesmo caminho de Jó: a partir dos dramas e sofrimentos humanos, a partir dos limites do discurso teológico, possamos chegar ao conhecimento (intimidade existencial) com o Deus que está presente para além da pobreza da linguagem humana e que se deixa encontrar na experiência da fé: “agora meus olhos te veem”.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Silêncio e Palavra: caminho de Evangelização*. São Paulo: Paulus, 2012.

BOFF, C. Conselhos a um jovem teólogo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 31, n. 83, p. 77-96, jan/abr. 1999.

CHALMERS, J. *O Som do Silêncio*. Escutando a Palavra de Deus com o Profeta Elias. Tradução Fátima Marques. Belo Horizonte, 2009.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOSAPHAT, C. *Falar de Deus e com Deus. Caminhos e descaminhos das religiões hoje*, São Paulo: Paulus, 2004.

KAUFMANN, C. Silêncio. In: RODRIGUEZ, A.A.; CASAS, J.C. (Org.). *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*. Paulus: São Paulo, 1994, p. 1035-1042.

NOUWEN, H.J.M. *A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

PANIKKAR, R. *Ícones do mistério*. A experiência de Deus. São Paulo: Paulinas, 2007.